

# A Revolução Cubana

## 1. Definições prévias

Faremos o estudo da revolução cubana utilizando a seguinte sistematização realizada por Nahuel Moreno:

### 1.1 - O que é uma reforma e o que é uma revolução?

Ocorre reforma e revolução em tudo que existe, pelo menos em tudo que é vivo. "Reforma", significa melhorar, adaptar alguma coisa, para que continue existindo. "Revolução", ao contrário, é o fim do velho e surgimento de algo completamente novo, diferente.

"Revolução" e "reforma" são termos relativos ao segmento da realidade que estamos estudando, isto é, ao objeto ao qual aplicamos essas categorias.

Se nos referimos à **estrutura das sociedades**, às classes sociais, a única revolução possível é a expropriação da velha classe dirigente pela classe revolucionária. Essa expropriação muda totalmente a sociedade, porque desaparece a classe que até esse momento dominava a produção e a distribuição, e seu papel é assumido por outra classe. Essa é uma **revolução econômico-social**. Em relação a ela, qualquer outro fenômeno é uma reforma.

Se nos referimos ao **estado**, a única revolução possível é que uma classe destrua o estado da outra; que a expulse e o tome em suas mãos, construindo um estado diferente. Essa revolução se chama **político-social**. Tudo que possa ocorrer com os regimes e governos (se não atinge o estado) é apenas reforma. Em relação às forças armadas, pode-se dizer que quando se consegue a destruição das forças armadas da classe dominante, houve o triunfo da **revolução militar**.

Nahuel Moreno opina que o mesmo se aplica aos regimes políticos. Que, nos regimes também pode se dar reformas e revoluções.

As revoluções que só ocorrem em relação ao regime e não ao estado, são conhecidas com o nome de **revoluções democráticas ou políticas**.

### 1.2 - Contrarrevolução e reação

O processo oposto à revolução é a contrarrevolução. O oposto à reforma é a reação. Estas categorias também são relativas. Pode haver uma contrarrevolução no regime, por exemplo, um golpe militar contra um regime democrático-burguês. Porém, em relação ao estado foi uma reação, pois ele continua sendo o mesmo estado capitalista. Outro grande exemplo é a contrarrevolução estalinista dos anos 1930.

## 2.- A revolução cubana

Esta revolução tem muitos pontos em comum com a revolução chinesa, tanto objetivos (a situação de crise política e econômicas extremas) como subjetivos (ser dirigidas por um partido-exército com base social pequeno-burguesa). Tanto em Cuba quanto na China existia uma situação de extrema miséria e um regime extremamente totalitário e corrupto, dirigido por um militar, Fulgêncio Batista. A economia estava destruída, dedicada totalmente ao monocultivo do açúcar e de grande prostíbulo para a burguesia e a máfia dos Estados Unidos. O regime de Batista enfrentava-se não só com os trabalhadores e camponeses pobres, mas também com grande parte da burguesia nacional que se opunha à corrupção crescente. Em 1951, o dirigente do Partido Ortodoxo (partido da burguesia liberal) suicidou-se diante dos microfones de uma rádio, em protesto contra a corrupção.

Na Juventude desse partido militava o jovem advogado Fidel Castro, que começou uma atividade de organização dos jovens contra a ditadura.

Ocorrem importantes mobilizações estudantis antiditatoriais que foram brutalmente reprimidas.

Em 26 de julho de 1953, o grupo de Fidel Castro organizou a tomada do Quartel Moncada. A tentativa fracassa e os participantes são mortos ou presos. Fidel Castro foi condenado a 15 anos, porém foi liberado dois anos depois.

Ao sair da cadeia, vai para o México, onde organiza o Movimento 26 de Julho. Os objetivos do movimento era invadir a ilha para derrubar Batista e impor um governo democrático. No México, o médico argentino Ernesto Guevara se integra ao Movimento 26 de Julho.

Anuncia-se publicamente que a invasão ocorrerá em 30 de novembro de 1956. Nesse dia ocorre, na cidade de Santiago de Cuba, um levantamento de apoio a invasão que sofre uma forte repressão. Os

revolucionários vinham no navio *Gramma*, que por problemas técnicos, atrasou 7 dias o desembarque, que foi atacado pela ditadura e salvaram-se apenas 12 homens.

### **2.1- A guerrilha rural. O triunfo da revolução militar.**

Os sobreviventes do Movimento 26 de Julho vão para a *Sierra Maestra* onde começa o recrutamento e treinamento de um exército guerrilheiro. A base desse exército é principalmente camponesa, cuja direção absoluta é Fidel Castro.

Durante dois anos se dá uma luta guerrilheira no campo. Vão liberando territórios, ocupando as terras e criando governos revolucionários, criam-se escolas, mento médico, etc.

Nesses dois anos vai se produzindo uma desmoralização no exército de Batista e grande quantidade de seus soldados se passam para o exército rebelde. Ocorrem importantes vitórias militares do exército guerrilheiro.

Da *Sierra Maestra*, Fidel Castro dita uma lei de reforma agrária e denuncia a farsa eleitoral que a ditadura estava preparando para 1959. Em 1 de janeiro de 1959 Batista foge do país e Fidel Castro convoca a greve geral revolucionária, que é acatada em todo o país. Em 8 de janeiro de 1959, Fidel, no comando do exército rebelde, entra em Havana e toma o poder.

### **2.3- O governo com a burguesia**

O programa do Movimento 26 de Julho era democrático- burguês (ver no Apêndice 1- Manifesto da Serra), por isso, depois da tomada do poder forma-se o novo governo presidido por um juiz, membro de uma das principais famílias burguesas cubanas e homem de confiança do imperialismo norte-americano: Manuel Urrutia.

Fidel Castro viaja aos Estados Unidos para propor relações econômicas em condições mais favoráveis para Cuba.

### **2.4- A ruptura com a burguesia**

Os ianques não concordaram com a proposta cubana, pelo contrário, começaram os ataques a Cuba, as provocações e as sabotagens.

Fidel Castro e seu exército são obrigados a defender-se. Destituem Urrutia (muito ligado aos ianques) e Castro passa a dirigir diretamente o governo cubano.

A pressão do movimento de massas que exige o avanço da revolução e principalmente os ataques do imperialismo, obrigam a direção cubana a ir mais longe do que ditava seu programa e avançar na ruptura com a burguesia e o imperialismo. (ver apêndice 2- As nacionalizações)

Em março de 1959, a CIA explode um navio que levava armas para Cuba. Morrem 70 trabalhadores.

Operários desfilam armados pelas ruas de Havana. Em junho de 1960 o governo intervem na empresa petroléira Texaco. Em julho o governo norte-americano reduz a quota de compra do açúcar cubana. A URSS oferece comprar o açúcar que os americanos se recusam a comprar. Em setembro nacionalizam-se os bancos norte-americanos. Em janeiro de 1961 as relações entre Estados Unidos e Cuba são rompidas. Los ianquis impulsionam a sabotagem da indústria cubana. Em abril inicia-se a invasão da *Playa Girón*, que foi derrotada totalmente. Em dezembro de 1962, Cuba foi excluída da OEA. Em fevereiro, Fidel responde com a II Declaração de Havbana, (ver Apêndice 1) onde define a revolução como socialista. Em outubro, os Estados Unidos declaram o bloqueio militar a Cuba.

### **2.5- A revolução econômico-social**

Finalmente, em dezembro de 1962, produz-se a **revolução econômica e social**, todas as empresas privadas são nacionalizadas e, em consequência, a burguesia deixa de existir como classe social em Cuba.

Da mesma forma que na revolução chinesa, em Cuba triunfa a revolução operária com a expropriação da burguesia. A burguesia desaparece como classe e nasce o Estado operário. Porém, nasce burocrático, deformado. Apesar disto, a expropriação da burguesia e a planificação da economia permitem o grande avanço do nível de vida das massas. Acaba com o analfabetismo, com a prostituição, e Cuba assume o primeiro lugar, na América Latina, na educação e na saúde.

### **2.6 - O novo regime**

No entanto, da mesma forma que na China, em Cuba nunca se deu uma revolução **político-social**, que se deu na Rússia. Os trabalhadores nunca controlaram o Estado cubano.

O regime de Fidel Castro teve, produto da sua história, diferenças com o regime de Stalin. O regime de Stalin foi produto de uma contrarrevolução. Ele precisou realizar um massacre para acabar com a democracia operária imposta pela revolução de outubro. Fidel Castro não precisou fazer uma repressão de massas (como fez Stálin) para acabar com o poder dos organismos operários, porque esse poder nunca existiu em Cuba. Ademais, o regime cubano por ser produto de uma revolução e não de uma contrarrevolução, teve uma relação diferente com o movimento de massas. Castro foi obrigado a aceitar uma certa participação popular. Criaram-se os Comitês da Revolução (CDR). Os CDRs eram organizações por bairros e por quadras que, ainda que nunca tiveram poder de decisão, jogaram um papel importante na luta contra os “bandidos” (os agentes da burguesia que faziam ataques armados) nos primeiros anos da revolução, e nas campanhas de trabalhos voluntários (alfabetização, corte de cana). ACom o passar dos anos, esses CDRs transformaram-se em organismos que distribuíam o orçamento destinado a cada bairro, e num elemento de controle muito importante da população pelo regime.

Outra forma utilizada para dar uma aparência de participação popular foram os grandes atos (aos que se dava nome de assembleia) onde o único orador era Fidel, que falava duas ou três horas e depois votava por aclamação suas propostas.

Apesar dessa relação diferente com o movimento de massas, o regime castrista, não foi qualitativamente diferente ao regime de Stálin. Igual a este regime, os trabalhadores cubanos não dirigiam o Estado cubano. Em Cuba não existiram organismos operários com poder de decisão. Nunca existiu democracia operária em Cuba. Nunca houve sindicatos independentes do Estado e sempre existiu um só partido legal. Cuba sempre foi controlada burocraticamente pelo partido-exército dirigido por Fidel Castro. Por isso, nunca existiram liberdades políticas nem sindicais. Da mesma forma que na China, sempre existiu um regime de partido único. Porém, na realidade tampouco o partido comunista era quem dirigia o Estado cubano. Não eram os organismo do partido os que resolviam (a melhor prova é que na história do partido comunista cubano só existiram 6 congressos). Todo o poder de decisão estava com Fidel Castro e seu grupo de confiança. Isto é, nunca se rompeu com a hierarquia do partido-exército original.

## **2.7. A política internacional da direção cubana**

A revolução cubana provocou um grande impacto em toda América latina, e gerou uma grande simpatia em toda a vanguarda. Num primeiro momento, diante do perigo de uma possível invasão americana, a direção cubana tentou expandir sua revolução a outros países. Porém rapidamente aderiu à política da URSS de coexistência pacífica com o imperialismo e mudou sua política internacional. Quando no final dos anos 70 e início dos anos 80, deu-se um processo revolucionário na América Central, iniciado com o triunfo da revolução sandinista, a direção cubana usou seu prestígio para convencer aos revolucionários nicaraguenses que a Nicarágua não tinha que ser outra Cuba. Que não se devia romper com a burguesia, pelo contrário, tinha que governar com ela. E, anos mais tarde, fez o mesmo com a revolução salvadorenha, onde aconselhou que não fizesse nem o que se fez na Nicarágua e que deveria assinar os Acordos de Paz, que enterraram a revolução. Essa política foi trágica não só para a revolução centro-americana, como também para a economia da pequena ilha que ficou isolada, dependente totalmente da economia da URSS e tendo que enfrentar, sozinha, o permanente ataque econômico do imperialismo yanque.

Isso levou a que, desde o final dos anos 70, à aplicação de reformas pré-capitalistas em Cuba e a que, na década de 90, depois da restauração do capitalismo na ex-URSS, a direção cubana, a mesma que dirigiu a revolução, conduziu o país até a restauração capitalista.

## **3 - Principais diferenças com a revolução russa.**

Se bem que os elementos objetivos da revolução (crise da classe dominante, crise do regime, miséria das massas) estavam mais agudizados em Cuba, não residia aí a principal diferença. A diferença está em dois aspectos subjetivos da revolução: Em Cuba, o sujeito não foi a classe operária e o sujeito político não foi o partido marxista revolucionário, o partido leninista.

Por essa causa, a revolução cubana, mesmo não tendo havido o triunfo da contrarrevolução interna (como foi o caso da Rússia) retrocedeu até chegar à restauração do capitalismo, e foi a mesma direção que dirigiu a revolução e encabeçou o processo de restauração.

Bibliografia utilizada

Revoluções do Século XX - Nahuel Moreno  
A Revolução cubana - Isaac Deutscher

## **Apêndice I**

### **Os mudanças de Fidel**

# **1957**

## **Manifesto da Serra**

[12 de junho de 1957]

Desde Sierra Maestra, onde nos reunimos no sentido do dever, fazemos este chamamento aos nossos compatriotas.

Chegou a hora em que a nação pode-se salvar da tirania pela inteligência, o valor e o civismo de seus filhos, pelo esforço de todos os que sentem no interiormente o destino desta terra, onde temos direito a viver em paz e em liberdade.

A nação cubana é incapaz de cumprir seu alto destino ou recai a culpa da sua impotência na falta de visão dos seus dirigentes políticos públicos? Será que não se pode oferecer à pátria, na sua hora mais difícil, o sacrifício de todas as aspirações pessoais ou de grupo, por justas que pareçam, de todas as paixões subalternas enfim, de quanto sentimento mesquinho ou pequeno impediu de se por em pé, como um só homem, este formidável povo, desperto e heroico, que é o povo cubano? Ou o desejo vaidoso de um aspirante público vale mais que todo o sangue que custou esta república?

Nossa maior debilidade foi a divisão e a tirania, consciente disso, promoveu-a por todos os meios, em todos os aspectos. Oferecendo meias soluções, tentando ambições umas vezes, outras a boa fé ou ingenuidade de seus adversários, dividiu os partidos em frações antagônicas, dividiu a oposição política em linhas divergentes e, quando mais forte e ameaçadora era a corrente revolucionária, tentou enfrentar os políticos aos revolucionários, com o único propósito de bater primeiro a revolução e burlar os partidos depois.

Não era um segredo para ninguém que se a ditadura conseguia derrotar o baluarte da Sierra Maestra e sufocar o movimento clandestino, livre já do perigo revolucionário, não restava mais remota possibilidade de eleições honradas, no meio da amargura e o ceticismo geral.

Suas intenções ficaram evidenciadas, talvez demasiado cedo, quando através da segunda minoria senatorial, aprovada com escárnio da Constituição e zombando dos compromissos contraídos com os próprios delegados opositores, tentava de novo a divisão e preparava o caminho das eleições. Que a Comissão Interparlamentar fracassou o reconhece o próprio partido que a propôs no Congresso; o afirmam categoricamente as sete organizações opositoras que participaram nela e hoje denunciam que foi uma zombaria sangrenta; o afirmam todas as instituições cívicas; e sobretudo, o afirmam os fatos. E estava chamada a fracassar porque se quis ignorar o rão d eduas forças que fizeram sua aparição na vida pública cubana: a nova geração revolucionária e as instituições cívicas, muito mais poderosas que qualquer capelinha. Assim, a manobra interparlamentar só podia prosperar a base do extermínio dos rebeldes. Aos combatentes da serra se oferecia apenas, nessa mesquinha solução, a cadeia, o exílio ou a morte. Jamais deveria aceitar discutir nessas condições.

Nesta hora, o único dever patriótico é a união. Unir é o que tem de comum todos os setores políticos, revolucionários e sociais que combatem a ditadura. O que têm de comum todos os partidos políticos de oposição, os setores revolucionários e as instituições cívicas? O desejo de por fim ao regime de força, as violações aos direitos individuais, os crimes infames e buscar a paz que todos desejamos pelo único caminho possível que é o direcionamento democrático e constitucional do país.

Os rebeldes da Sierra Maestra não queremos eleições livres, um regime democrático, um governo constitucional?

Lutamos desde 10 de março porque nos privaram destes direitos. Por deseja-los mais que todos estamos aqui. Para demonstrá-lo, aí estão nossos combatentes mortos na serra e nossos companheiros assassinados nas ruas ou presos nas masmorras das prisões; lutando pelo belo ideal de uma Cuba livre, democrática e justa. O que não fazemos é comungar com a mentira, a farsa e com acordos espúrios.

Queremos eleições, porém, com uma condição: eleições verdadeiramente livres, democráticas, imparciais.

Porém, pode haver eleições livres, democráticas, imparciais com todo o aparato repressivo do Estado gravitando como uma espada sobre as cabeças dos opositores? ¿A atual equipe governante depois de tantas zombarias ao povo pode dar confiança a alguém, em umas eleições livres, democráticas, imparciais?

Não é um contra sentido, um engano ao povo que vê o que está ocorrendo aqui todos os dias, afirmar que pode haver eleições livres, democráticas, imparciais, sob a tirania, a antidemocracia e a parcialidade?

De que vale o voto direto e livre, a contagem imediata e demais concessões fictícias se no dia das eleições não deixam votar ninguém e enchem as urnas com votos fraudados na ponta da baioneta?

Por acaso serviu a comissão de sufrágios e liberdades públicas para impedir o fechamento das rádios e as mortes misteriosas que continuaram sucedendo-se? Para que serviu até hoje as reclamações da opinião pública, as exortações à paz, o choro das mães?

Querem acabar com a rebeldia com mais sangue, com mais terror se quer por fim ao terrorismo, com mais opressão se quer por um ponto final ânsia pela liberdade.

As eleições devem ser presididas por um governo provisório, neutro, com o respaldo de todos, que substitua a ditadura para propiciar a paz e conduzir o país à normalidade democrática e constitucional. Esta deve ser a consigna de uma grande frente cívico-revolucionária que reúna todos os partidos políticos de oposição, todas as instituições cívicas e todas as forças revolucionárias.

Consequentemente, propomos a todos os partidos políticos opositores, todas as instituições cívicas e todos os setores revolucionários o seguinte:

- 1] Formação de uma frente cívico-revolucionária com uma estratégia comum de luta.
- 2] Designar desde agora uma figura chamada a presidir o governo provisório, cuja eleição seja desinteressada pelos líderes opositores e pela imparcialidade do que resulte eleito, ficando a cargo do conjunto de instituições cívicas.
- 3] Declarar ao país que, dada a gravidade dos acontecimentos, não há outra solução possível que a renúncia do ditador e a entrega do poder à figura que conte com a confiança e o respaldo majoritário da nação, expressado através de suas organizações representativas.
- 4] Declarar que a frente cívico-revolucionária não invoca nem aceita a mediação ou intervenção alguma de outra nação nos assuntos internos de Cuba. Que, em troca, respalda as denúncias que por violação dos direitos humanos feitas pelos emigrados cubanos ante os organismos internacionais e pede ao governo dos Estados Unidos que que suspenda todo envio de armas a Cuba enquanto se mantenha o regime de terror e ditadura.
- 5] Declarar que a frente cívico-revolucionária, por tradição republicana e independentista não aceitaria que governasse provisoriamente a república nenhum tipo de junta militar.
- 6] Declarar que a frente cívico-revolucionária alberga o propósito de separar o exército da política e garantir a intangibilidade dos organismos armados. Que os militares nada têm a temer do povo cubano e sim da camarilha corrompida que os envia para a morte numa luta fratricida.

7] Declarar sob formal promessa que o governo provisório celebrará eleições gerais para todos os cargos do Estado, as províncias e os municípios ao término de um ano sob as normas da Constituição de 1940 e o Código Eleitoral de 1943 e entregará o poder imediatamente ao candidato que seja eleito.

8] Declarar que o governo provisório deverá ajustar sua missão ao seguinte programa:

A] Liberdade imediata para todos os presos políticos, civis e militares.

B] Garantia absoluta à liberdade de informação, à imprensa radial e escrita e de todos os direitos individuais e políticos garantidos pela Constituição.

C] Designação de prefeitos provisórios em todos os municípios, previa consulta com as instituições cívicas da localidade.

D] Supressão da malversação de fundos públicos em todas as formas e adoção de medidas que tendam a incrementar a eficiência de todos os organismos do Estado.

E] Estabelecimento da carreira administrativa.

F] Democratização da política sindical promovendo eleições livres em todos os sindicatos e federações de indústrias.

G] Início imediato de uma intensa campanha contra o analfabetismo e de educação cívica, exaltando os deveres e direitos que tem o cidadão com a sociedade e com a pátria.

H] Sentar as bases para uma reforma agrária que tenda a distribuição das terras baldias e a converter em proprietários a todos os colonos, parceiros, arrendatários e precaristas que possuam pequenas parcelas de terra, sejam propriedade do Estado ou particulares, com prévia indenização aos proprietários anteriores.

I] Adoção de uma política financeira sã que resguarde a estabilidade da nossa moeda e tenda a utilizar o crédito da nação em obras reprodutivas.

J] Aceleração do processo de industrialização e criação de novos empregos.

Em dois pontos deste projeto temos que fazer uma insistência especial. Primeiro, a necessidade de que se designe desde agora a pessoa chamada a presidir o governo provisório da república, para demonstrar diante do mundo que o povo cubano é capaz de unir-se em pro de uma consigna de liberdade e apoiar à pessoa que, reunindo condições de imparcialidade, integridade, capacidade e decência, possa encarnar essa palavra de ordem. Sobram homens capazes em Cuba para presidir a república! Segundo, que essa pessoa seja designada pelo conjunto de instituições cívicas, por ser apolíticas essas organizações, cujo respaldo liberaria o presidente provisório de todo compromisso partidário dando lugar a umas eleições absolutamente limpas e imparciais.

Para integrar esta frente não é necessário que os partidos políticos e as instituições cívicas se declarem insurreccionais e venham a Sierra Maestra. Basta que lhe neguem todo respaldo a composição eleitoreira do regime e declarem ante o país, ante os institutos armados e ante a opinião pública internacional, que, depois de cinco anos de inútil esforço, de contínuos enganos e de rios de sangue, em Cuba não há outra saída que a renúncia de Batista, que já gravitou em duas etapas durante dezesseis anos nos destinos do país, e Cuba não está disposta a cair na situação de Nicarágua ou Santo Domingo.

Não é necessário vir a serra para discutir, nós podemos estar representados em Havana, no México ou onde seja necessário.

Não é necessário decretar a revolução: organize-se na frente que propomos e a caída do regime se dará por si só, talvez sem que caia um só pinga de sangue.

É preciso estar cego para não enxergar que a ditadura está em seus últimos dias. E que este é o minuto em que todos os cubanos devem colocar o melhor da sua inteligência e esforço.

Poderá haver outra solução no meio da guerra civil com um governo que não é capaz de garantir a vida humana, que não controla já nem a ação das suas próprias forças repressivas e cujas zombarias tornaram impossível a menor confiança pública.

Ninguém deve cair no engano da propaganda governamental acerca da situação da serra. A Sierra Maestra é um baluarte indestrutível da liberdade que se apossou do coração dos nossos compatriotas, e aqui saberemos honrar a fé e a confiança do nosso povo.

Nosso chamamento poderá ser desprezado, porém a luta não se deterá por isso e a vitória do povo, ainda que muito mais sangrenta e custosa, ninguém poderá impedir. Esperamos, no entanto, que nossa apelação será ouvida e que uma verdadeira solução detenha o derramamento de sangue cubano e nos traga uma era de paz e liberdade.

## 1960

### **PRIMEIRA DECLARAÇÃO DE HAVANA**

2 de Setembro de 1960

Junto a imagem e a lembrança de José Martí, em Cuba, Território Livre da América, o povo, em uso dos poderes inalienáveis que originam-se do efetivo exercício da soberania, expressada no sufrágio direto, universal e público, se constituiu na Assembleia Geral Nacional.

“Em nome próprio, e expressando o sentimento dos povos da nossa América, a Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba,

“PRIMEIRO: Condena em todos os seus termos a denominada Declaração de São José da Costa Rica, documento ditado pelo imperialismo norte-americano, e contrário à autodeterminação nacional, à soberania e à dignidade dos povos irmãos do Continente.

“SEGUNDO: A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba condena energicamente a intervenção aberta e criminosa que durante mais de um século exerceu o Imperialismo norte-americano sobre todos os povos da América Latina; povos que mais de uma vez viram a invasão de seu solo no México, Nicarágua, Haiti, Santo Domingo ou Cuba; que perderam perante a voracidade dos imperialistas ianques extensas e ricas zonas, como Texas, centros estratégicos vitais, como o Canal do Panamá, países inteiros, como Porto Rico, convertido em território de ocupação; que sofreu, além disso, o trato vexatório dos fuzileiros navais, o mesmo contra nossas mulheres e filhas que contra símbolos mais altos da história da pátria, como a efígie de José Martí.”

Essa intervenção, consolidada pela superioridade militar, em tratados desiguais e na submissão miserável de governantes traidores, converteu, ao longo de mais de cem anos, a nossa América, a América que Bolívar, Hidalgo, Juárez, San Martín, O'Higgins, Sucre, Tiradentes e Martí, queriam livre, no critério de exploração, no quintal do império financeiro e político ianque, na reserva de votos para os organismos internacionais, nos quais os países latino americanos temos figurado como párias do “Norte revoltoso e brutal que nos despreza”.

“A Assembleia Geral Nacional do Povo declara que a aceitação por parte de governos que assumem oficialmente a representação dos países da América Latina dessa intervenção continuada e historicamente irrefutável, trai os ideais independentistas de seus povos, apaga sua soberania e impede a verdadeira solidariedade entre nossos países; o que obriga essa Assembleia a repudiá-la, em nome do povo de Cuba, e com voz que reúne a esperança e a decisão dos povos latino-americanos e a vontade libertadora dos heróis imortais da nossa América.

“TERCERO: A Assembleia Geral Nacional do Povo rechaça a tentativa de preservar a Doutrina Monroe, utilizada até agora, como previu José Martí, “para estender o domínio na América” dos imperialistas vorazes, para injetar melhor o veneno também denunciado a tempo por José Martí, “o veneno dos empréstimos, dos canais, das ferrovias...”

“Por isso, frente ao hipócrita pan-americanismo que é só domínio dos monopólios ianques sobre os interesses de nossos povos e gestão ianque de governos prostrados ante Washington, A Assembleia do Povo em Cuba proclama o latino-americanismo libertador que pulsa em José Martí e Benito Juárez. E, ao estender a amizade até o povo norte-americano – o povo dos negros linchados, dos intelectuais perseguidos, dos trabalhadores forçados a aceitar a direção de gangsteres –, reafirma a vontade de marchar “com todo mundo e não com uma parte dele”.

“QUARTO: A Assembleia Geral Nacional do Povo declara que a ajuda espontaneamente oferecida pela URSS a Cuba, no caso de nosso país ser atacado por forças militares imperialistas, não poderá ser considerado jamais como um ato de intromissão, senão que constitui um evidente ato de solidariedade, e que essa ajuda brindada a Cuba ante um iminente ataque do pentágono ianque, honra tanto o Governo da URSS que a oferece, como desonra ao Governo dos Estados Unidos, suas covardes e criminosas agressões contra Cuba.

“Portanto: A Assembleia Geral Nacional do Povo declara ante América e o mundo que aceita e agradece o apoio dos foguetes da URSS, se seu território for invadido por forças militares dos Estados Unidos.

“QUINTO: A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba nega categoricamente que tenha existido pretensão alguma por parte da URSS ou da República Popular da China de “utilizar a posição econômica, política e social de Cuba, para quebrar a unidade continental e colocar em perigo a unidade do hemisfério”.

“Desde o primeiro até o último disparo, desde o primeiro até o último dos 20.000 mártires que custou a luta para derrubar a tirania e conquistar o poder revolucionário, desde a primeira até a última lei revolucionária, desde o primeiro até o último ato da Revolução, o povo de Cuba atuou por livre e absoluta determinação própria, sem que, por isso, se possa culpar jamais a URSS ou a República da China pela existência de uma revolução que é a resposta cabal de Cuba aos crimes e às injustiças instauradas pelo imperialismo na América.

“Pelo contrário, a Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba entende que a política de isolamento e hostilidade com a URSS e a República Popular da China, preconizada pelo Governo dos Estados Unidos e imposta por este aos governos da América Latina, e a conduta belicista e agressiva do Governo norte-americano, e sua negativa sistemática a entrada da República Popular da China nas Nações Unidas, apesar de representar quase a totalidade de um país de mais de 600 milhões de habitantes, coloca em perigo a paz e a segurança do hemisfério e do mundo.

“Portanto: A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba ratifica sua política de amizade com todos os povos do mundo, reafirma seu propósito de estabelecer relações diplomáticas também com todos os países socialistas, e a partir deste instante, em uso de sua soberania e livre vontade, expressa ao Governo da República Popular da China, que concorda com estabelecer relações diplomáticas entre ambos os países e que, portanto, continuam revogadas as relações que até hoje Cuba havia mantido com o regime fantoche que sustentam na Formosa os barcos da Sétima Frota ianque.

“SEXTO: A Assembleia Geral Nacional do Povo reafirma – e está segura de fazê-la como expressão de um critério comum aos povos da América Latina – que a democracia não é compatível com a oligarquia financeira, com a existência da discriminação do negro e os excessos da Ku-Klux-Klan, com a perseguição que privou de seus cargos cientistas como Oppenheimer; que impediu durante anos que o mundo escutasse a voz maravilhosa de Paul Robeson, preso em seu próprio país, e que levou à morte, ante o protesto e o espanto do mundo inteiro, e apesar da apelação de governantes de diversos países e do Papa Pio XII, ao casal Rosenberg.

“A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba expressa a convicção cubana de que a democracia não pode consistir só no exercício de um voto eleitoral, que quase sempre é fictício e está gerido por latifundiários e políticos profissionais, senão em direito dos cidadãos para decidir, como agora o faz esta Assembleia Geral do Povo de Cuba, seus próprios destinos. A democracia, além disso, só existirá na América quando os povos sejam realmente livres para escolher, quando os humildes não estejam reduzidos – pela fome, pela desigualdade social, pelo analfabetismo e os sistemas jurídicos – à mais ameaçadora impotência.

“Por isso, a Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba: condena o latifúndio, fonte de miséria para o camponês e sistema de produção agrícola retrógrado e desumano; condena os salários de fome e a exploração desigual do trabalho humano por bastardos e privilegiados interesses; condena o analfabetismo, a ausência de professores, de escolas, de médicos e de hospitais; a falta de proteção na velhice que impera nos países da América; condena a discriminação do negro e do índio; condena a desigualdade e a exploração da mulher; condena as oligarquias militares e políticas que mantêm nossos povos na miséria, impedem seu desenvolvimento democrático e o pleno exercício de sua soberania; condena as concessões dos recursos naturais de nosso país aos monopólios estrangeiros como política



entreguista e traidora dos interesses dos povos; condena aos governos que ignoram o sentimento de seus povos para acatar os mandatos de Washington; condena o engano sistemático aos povos por órgãos de divulgação que respondem ao interesse das oligarquias e a política do imperialismo opressor; condena o monopólio de notícias por agências ianques, instrumento de trusts norte-americanos e agentes de Washington; condena as leis repressivas que impedem os trabalhadores, camponeses, estudantes e os intelectuais, as grandes maiorias de cada país, de organizarem-se e lutarem por suas reivindicações sociais e patrióticas; condena os monopólios e empresas imperialistas que saqueiam continuamente nossas riquezas, exploram os nossos trabalhadores e camponeses, sangram e mantêm em atraso nossas economias, e submetem a política da América Latina a seus desígnios e interesses.

A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba condena, por fim, a exploração do homem pelo homem, e a exploração dos países subdesenvolvidos pelo capital financeiro imperialista. Em consequência, a Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba proclama perante a América:

“O direito dos camponeses à terra; o direito do trabalhador ao fruto do seu trabalho; o direito das crianças à educação; o direito dos doentes à assistência médica e hospitalar; o direito dos jovens ao trabalho; o direito dos estudantes à educação gratuita, experimental e científica; o direito dos negros e dos índios à “dignidade plena do homem”; o direito da mulher à igualdade civil, social e política; o direito dos idosos a uma velhice segura; o direito dos intelectuais, artistas e cientistas a lutar, com suas obras, por um mundo melhor; o direito dos Estados à nacionalização dos monopólios imperialistas, resgatando assim as riquezas e recursos nacionais; o direito dos países ao comércio livre com todos os povos do mundo; o direito das nações pela sua plena soberania; o direito dos povos em converter suas fortalezas militares em escolas, e armar seus trabalhadores, seus camponeses, seus estudantes, a seus intelectuais, o negro, o índio, a mulher, o jovem, o idoso, todos os oprimidos e explorados, para que defendam, por si mesmos, seus direitos e seus destinos.

“SÉTIMO: A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba postula: O dever dos trabalhadores, dos camponeses, dos estudantes, dos intelectuais, dos negros, dos índios, dos jovens, das mulheres, dos idosos, de lutar por suas reivindicações econômicas, políticas e sociais; o dever das nações oprimidas e exploradas de lutar por sua libertação; o dever de cada povo de solidarizar-se com todos os povos oprimidos, colonizados, explorados ou agredidos, seja qual for o lugar do mundo em que estes se encontrem e a distância geográfica que os separe. Todos os povos do mundo são irmãos!

“OITAVO: A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba reafirma sua fé de que a América Latina marchará em breve, unida e vencedora, livre das ataduras que convertem suas economias em riquezas alienadas ao imperialismo norte-americano e que a impede de fazer ouvir sua verdadeira voz nas reuniões onde os chanceleres domesticados fazem coro vergonhoso ao amo despótico. Ratifica, por isso, sua decisão de trabalhar por esse destino latino-americano comum que permitirá aos nossos países edificar uma solidariedade verdadeira, assentada na livre vontade de cada um deles e nas aspirações conjuntas de todos. Na luta por essa América Latina liberada, frente às vozes obedientes de quem usurpa sua representação oficial, surge agora, com potência invencível, a voz genuína dos povos, voz que abre caminho desde as entranhas de suas minas de carvão e de estanho, desde suas fábricas e usinas de açúcar, desde suas terras enfeudadas, onde maltrapilhos, caboclos, gaúchos, camponeses, herdeiros de Zapata e de Sandino, empunham as armas de sua liberdade, voz que ressoa em seus poetas e em seus romancistas, em seus estudantes, em suas mulheres e em suas crianças, em seus idosos enfermos. A essa voz irmã, a Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba lhe responde: Presente! Cuba não falhará. Aqui está hoje Cuba para ratificar, ante América Latina e ante todo o mundo, como um compromisso histórico, seu dilema irrenunciável: Pátria ou Morte.

“NONO: A Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba.

“Resolve que esta declaração seja conhecida com o nome de 'Declaração de Havana', Cuba, Havana, Território Livre da América. 2 de setembro de 1960.”

## **1962**

### **Segunda Declaração de Havana**

#### **Do povo de Cuba aos povos da América e do mundo**

As vésperas de sua morte, em carta inconclusa porque uma bala espanhola atravessou-lhe o coração, em 18 de maio de 1895, José Martí, apóstolo da nossa independência, escreveu ao seu amigo Manuel Mercado: "Já posso escrever ... já estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever... de impedir, a tempo, com a independência de Cuba, que se estendam pelas Antilhas os Estados Unidos, e joguem mais esse peso sobre nossas terras da América. Tudo o que fiz até hoje, e farei, é para isso... As mesmas obrigações menores e públicas dos povos mais vitalmente interessados em impedir que em Cuba se abra, pela anexação dos imperialistas, o caminho que se há de fechar e com nosso sangue estamos fechando, da anexação dos povos de nossa América, ao Norte revoltado e brutal que nos despreza, impediu a sua adesão ostensiva e patente a este sacrifício que se faz em seu bem imediato. Vivi no monstro e lhe conheço as entranhas; e a minha funda é a de David."

Já em 1895, Martí assinalou o perigo que ameaçava a América e chamou o imperialismo pelo seu nome: imperialismo. Aos povos da América advertiu que eles estavam, mais do que ninguém interessados em que Cuba não sucumbisse à cobiça ianque, desprezadora dos povos latino-americanos. E com seu próprio sangue, vertido por Cuba e pela América, rubricou as palavras póstumas que, em homenagem à sua memória, o povo de Cuba subscreve hoje, no princípio desta Declaração.

Transcorreram 67 anos. Porto Rico foi convertido em colônia e é ainda colônia, saturada de bases militares. Cuba caiu também nas garras do imperialismo. Suas tropas ocuparam nosso território. A Emenda Platt foi imposta à nossa primeira Constituição, como cláusula humilhante que consagrava o odioso direito de intervenção estrangeira. Nossas riquezas passaram às suas mãos. Nossa história falseada, nossa administração e nossa política moldadas inteiramente aos interesses dos interventores; a nação submetida a 60 anos de asfixia política, econômica e cultural. Mas Cuba se levantou, Cuba pôde redimir-se da bastarda tutela. Cuba rompeu as cadeias que atavam sua sorte ao império opressor, resgatou suas riquezas, reivindicou sua cultura, e hasteou sua bandeira soberana, de território e povo livre da América.

(...)

Que é a história de Cuba senão a história da América Latina? E que é a história da América Latina senão a história da Ásia, da África e da Oceania? E o que é a história de todos estes povos senão a história da exploração mais desapiadada e cruel do imperialismo no mundo inteiro? Em fins do século passado e começos do presente, um punhado de nações economicamente desenvolvidas, haviam terminado de repartir o mundo entre si, submetendo a seu domínio econômico e político, a dois terços da humanidade, que, desta forma, viu-se obrigada a trabalhar para as classes dominantes do grupo de países de economia capitalista desenvolvida.

(...)

O sistema capitalista de produção, quando realizou tudo que era capaz, converteu-se num obstáculo ao progresso da humanidade. Porém, a burguesia, desde sua origem, trazia consigo mesma seu contrário. No seu interior se desenvolveram gigantescos instrumentos produtivos, que, por sua vez, desenvolveu-se uma nova e vigorosa força social: o proletariado, chamado a mudar o sistema social já velho e caduco do capitalismo por uma forma econômico-social superior e de acordo com as possibilidades históricas da sociedade humana, convertendo em propriedade de toda a sociedade esses gigantescos meios de produção que os próprios povos, com seu trabalho, criaram e acumularam.

(...)

Los interesses da humanidade exigiam o fim da anarquia na produção, o desperdício, as crises econômicas e as guerras de rapina próprias do sistema capitalista.

As crescentes necessidades do gênero humano e a possibilidade de satisfazê-las, exigiam o desenvolvimento planejado da economia e a utilização racional dos seus meios de produção e recursos naturais.

Era inevitável que o imperialismo e o colonialismo entrassem em profunda e irreversível crise. A crise geral se iniciou na Primeira Guerra Mundial, com a revolução dos operários e camponeses que derrubou o

império czarista da Rússia e implantou, em difícilíssimas condições de cerco e agressão capitalistas, o primeiro Estado socialista do mundo, iniciando uma nova era na história da humanidade. Desde então até nossos dias, a crise a decomposição do sistema imperialista tem se acentuado incessantemente.

A Segunda Guerra Mundial desatada pelas potências imperialistas, e que arrastou a União Soviética e outros povos da Europa e da Ásia, criminosamente invadidos, a uma sangrenta luta de libertação, culminou na derrota do fascismo, a formação do campo mundial do socialismo, e a luta dos povos coloniais e dependentes pela sua soberania. Entre 1945 e 1957, mais de 1 milhão e 200 mil seres humanos conquistaram sua independência na Ásia e na África. O sangue derramado pelos povos não foi em vão.

O movimento dos povos dependentes e colonizados é um fenômeno de caráter universal que agita o mundo e marca a crise final do imperialismo.

Cuba e América Latina fazem parte do mundo. Nossos problemas são parte dos problemas que se originam da crise geral do imperialismo e a luta dos povos subjugados; o choque entre o mundo que nasce e o mundo que morre. A odiosa e brutal campanha desatada contra nossa pátria expressa o esforço desesperado e inútil que os imperialistas fazem para evitar a libertação dos povos. Cuba dói de maneira especial aos imperialistas. Que se esconde por trás do ódio ianque a Revolução Cubana? Que explica racionalmente a conspiração que reúne no mesmo propósito agressivo a potência imperialista mais rica e poderosa do mundo contemporâneo e as oligarquias de todo um continente, que juntos supostamente representam uma população de 350 milhões de seres humanos, contra um pequeno povo de apenas 7 milhões de habitantes, economicamente subdesenvolvido, sem recursos financeiros nem militares para ameaçar nem a segurança nem a economia de nenhum país?

O que os une e congrega é o medo. O que explica é o medo. Não o medo a Revolução Cubana; o medo a revolução latino-americana. Não o medo aos operários, camponeses, estudantes, intelectuais e setores progressistas das classes médias que tomaram o poder de forma revolucionária em Cuba, senão o medo a que os operários, camponeses, estudantes, intelectuais e setores progressistas das classes médias tomem revolucionariamente o poder nos povos oprimidos, famintos e explorados pelos monopólios ianques e a oligarquia reacionária da América; o medo a que los povos saqueados do continente tomem as armas dos seus opressores e se declarem, como Cuba, povos livres da América.

(...)

As condições subjetivas de cada país — quer dizer, o fator consciência, organização, direção— podem acelerar ou atrasar a revolução segundo seu maior ou menor grau de desenvolvimento; porém, cedo ou tarde, em cada época histórica, quando as condições objetivas amadurecem, a consciência se adquire, a organização se conquista, a direção surge e a revolução se produz.

(...)

A inquietação que hoje se registra é sintoma inequívoco de rebelião. Agitam-se as entranhas de um continente que foi testemunha de quatro séculos de exploração escrava, semi-escrava e feudal do homem, desde seus moradores aborígenes e os escravos trazidos da África, até os núcleos nacionais que surgiram depois; brancos, negros, mulatos, mestiços e índios hoje sentem o desprezo, a humilhação e o jugo ianque, e se irmanam na esperança de uma amanhã melhor.

(...)

E diante da realidade objetiva e historicamente inexorável da revolução latino-americana, qual é a atitude do imperialismo ianque? Disposição de levar uma guerra colonial com os povos da América Latina; criar o aparato de força, os pretextos políticos e os instrumentos pseudo-legais, apoiados pelos representantes das oligarquias reacionárias para reprimir a sangue e fogo a luta dos povos latino-americanos.

A intervenção do governo dos Estados Unidos na política interna dos países da América Latina tem cada vez mais aberta e desenfreada.

A Junta Interamericana de Defesa, por exemplo, foi e é o ninho onde se incubam os oficiais mais reacionários e pró-ianques dos exércitos latino-americanos, utilizados depois como instrumentos golpistas a serviço dos monopólios.

As missões militares norte-americanas na América Latina constituem um aparato de espionagem permanente em cada nação, vinculado estreitamente a CIA, inoculando nos oficiais os sentimentos mais reacionários e tratando de converter os exércitos em instrumentos de seus interesses políticos e econômicos.

Atualmente, na zona do Canal do Panamá, o alto comando norte-americano organizou cursos especiais de treinamento para oficiais latino-americanos, de luta contra guerrilhas revolucionárias, dirigidos a reprimir a ação armada das massas camponesas contra a exploração feudal a que estão submetidas.

Nos próprios Estados Unidos, a CIA organizou escolas especiais para treinar agentes latino-americanos nas mais sutis formas de assassinato, e é uma política decidida pelos serviços militares ianques a liquidação física dos dirigentes anti-imperialistas.

É notório que as embaixadas ianques em distintos países da América Latina estão organizando, instruindo e equipando bandos fascistas para semear o terror e agredir as organizações operárias, estudantis e intelectuais. Esses bandos, que recrutam os filhos da oligarquia, a lumpens e gente da pior qualidade moral, realizaram já uma série de atos agressivos contra os movimentos das massas.

(...)

Esta política declarada do imperialismo norte-americano, de enviar soldados para combater o movimento revolucionário em qualquer país da América Latina, quer dizer, para matar operários, estudantes, camponeses, homens e mulheres latino-americanos, não tem outro objetivo que o de seguir mantendo seus interesses monopolistas e os privilégios da oligarquia traidora que os apoia.

(...)

Esta política de paulatino estrangulamento da soberania das nações latino-americanas, e de mãos livres para intervir nos seus assuntos internos, teve seu ponto culminante na última reunião de chanceleres. Em Punta del Este, o imperialismo ianque reuniu os chanceleres, para arrancar-lhes, mediante pressão política e chantagem econômica sem precedentes, com a cumplicidade de um grupo dos mais desprestigiados governantes deste continente, a renúncia à soberania nacional dos nossos povos e a consagração do odiado direito de intervenção ianque nos assuntos internos da América; a submissão dos povos à vontade onipresente dos Estados Unidos, contra a qual lutaram todos os próceres, desde Bolívar até Sandino.

(...)

Naquele conclave imoral, a voz titânica de Cuba elevou-se sem debilidade nem medo para acusar ante todos os povos da América e do mundo o monstruoso atentado, e defender virilmente, e com dignidade que constará nos anais da história, não só o direito de Cuba, senão o direito desamparado de todas as nações irmãs do continente americano.

(...)

Em Punta del Este se travou uma grande batalha ideológica entre a Revolução Cubana e o imperialismo ianque. Que representavam ali, por quem cada um falou? Cuba representou os povos; Os Estados Unidos representou os monopólios. Cuba falou pelas massas exploradas da América; Estados Unidos pelos interesses oligárquicos exploradores e imperialistas. Cuba pela soberania; Estados Unidos pela intervenção. Cuba pela nacionalização das empresas estrangeiras; Estados Unidos por novos investimentos de capital estrangeiro. Cuba pela cultura; Estados Unidos pela ignorância. Cuba pela reforma agrária; Estados Unidos pelo latifúndio. Cuba pela industrialização da América; Estados Unidos pelo subdesenvolvimento. Cuba pelo trabalho criador; Estados Unidos pela sabotagem e pelo terror contrarrevolucionário que praticam seus agentes, a destruição de canaviais e fábricas, os bombardeios de seus aviões piratas contra o trabalho de um povo pacífico. Cuba pelos alfabetizadores assassinados; Estados Unidos pelos assassinos. Cuba pelo pão; Estados Unidos pela fome. Cuba pela igualdade;

Estados Unidos pelo privilégio e a discriminação. Cuba pela verdade; Estados Unidos pela mentira. Cuba pela libertação; Estados Unidos pela opressão. Cuba pelo futuro luminoso da humanidade; Estados Unidos pelo passado sem esperança. Cuba pelos heróis que morreram em Girón para salvar a pátria do domínio estrangeiro; Estados Unidos pelos mercenários e traidores que servem ao estrangeiro contra sua pátria.

Cuba pela paz entre os povos; Estados Unidos pela agressão e a guerra. Cuba pelo socialismo; Estados Unidos pelo capitalismo.

Os acordos obtidos pelos Estados Unidos com métodos tão lamentáveis que o mundo inteiro critica, somente acrescentam a moral e a razão de Cuba; demonstram o entreguismo e a traição das oligarquias aos interesses nacionais e mostram aos povos o caminho da libertação; revelam a podridão das classes exploradoras, em cujo nome falaram seus representantes em Punta del Este. A OEA foi desmascarada como o que é: um ministério de colônias ianques, uma aliança militar, um aparato de repressão contra o movimento de libertação dos povos latino-americanos.

Cuba viveu três anos de Revolução sob incessante ameaça de intervenção ianque em nossos assuntos internos. Aviões piratas, procedentes dos Estados Unidos, lançando materiais inflamáveis, queimaram milhões de arrobas de cana; atos de sabotagem internacional perpetrados por agentes ianques, como a explosão do vapor La Coubre, custou dezenas de vidas cubanas; milhares de armas norte-americanas de todo tipo foram lançadas de paraquedas pelos serviços militares dos Estados Unidos sobre nosso território para promover a subversão; centenas de toneladas de materiais explosivos e máquinas infernais foram desembarcados sub-repticiamente nas nossas costas por lanchas norte-americanas para promover a sabotagem e o terrorismo; um operário cubano foi torturado na base naval de Guantánamo e privado da vida sem processo prévio nem explicação posterior alguma; nossa cota açucareira foi suprimida abruptamente, y proclamado embargo de peças e matérias primas para fábricas e maquinários de construção norte-americana para arruinar nossa economia; barcos artilhados e aviões de bombardeio, procedentes de bases preparadas pelo governo dos Estados Unidos, atracaram de surpresa em portos e instalações cubanas; tropas mercenárias, organizadas e treinadas nos países da América Central pelo próprio governo, invadiram nosso território com intuito de guerra, escoltadas por barcos da frota ianque e com apoio aéreo desde bases exteriores, provocando a perda de numerosas vidas e a destruição de bens materiais; contrarrevolucionários cubanos são instruídos no exército dos Estados Unidos e novos planos de agressão realizam-se contra Cuba. Tudo isso ocorreu durante três anos incessantemente, à vista de todo o continente, e a OEA não se inteira. Os chanceleres se reúnem em Punta del Este, e sequer adverte ao governo dos Estados Unidos nem os governo cúmplices materiais dessas agressões. Expulsam a Cuba, o país latino-americano vítima, o país agredido. Estados Unidos têm pactos militares com países de todos os continentes; blocos militares com quanto governo fascista, militarista e reacionário haja no mundo: a OTAN, a SEATO e a CENTO, aos quais deve-se agregar agora a OEA; intervêm no Laos, no Vietnam, na Coréia, em Formosa, em Berlim; envia abertamente barcos a Santo Domingo para impor sua lei, sus vontade, e anuncia seu propósito de usar sus aliados da OTAN para bloquear o comércio com Cuba, e a OEA nem toma conhecimento. Reúnem-se os chanceleres e expulsam Cuba, que não tem pactos militares com nenhum país. Assim, o governo que organiza a subversão em todo o mundo e forja alianças militares nos quatro continentes, expulsa Cuba, acusando-a nada menos que de subversão de vinculações extracontinentais.

Cuba, o país latino-americano que converteu em donos das terras a mais de 100.000 pequenos agricultores, assegurado emprego todo o ano em granjas e cooperativas a todos os operários agrícolas, transformado os quartéis em escolas, concedido 60.000 becas a estudantes universitários, secundários e tecnológicos, criado aulas para a totalidade da população infantil, liquidado totalmente o analfabetismo, quadruplicado os serviços médicos, nacionalizado as empresas monopolistas, suprimido o abusivo sistema que convertia a moradia em um meio de exploração para o povo, eliminado virtualmente o desemprego, suprimido a discriminação por motivo de raça ou sexo, varrido o jogo, o vício e a corrupção administrativa, armado o povo, feito realidade viva o desfrute dos direitos humanos ao liberar o homem e a mulher da exploração, a incultura e a desigualdade social; que se libertou de toda tutela estrangeira, adquirido plena soberania e estabelecido as bases para o desenvolvimento de sua economia afim de não ser mais país monoprodutor e exportador de matérias primas, é expulso da OEA por governos que não conseguiram para seus povos nem uma só destas reivindicações. Como poderão justificar sua conduta ante os povos da América e do mundo? Como poderão negar que em seu conceito a política de terra, de pão, de trabalho, de saúde, de liberdade, de igualdade e de cultura, de desenvolvimento acelerado da

economia, de dignidade nacional, de plena autodeterminação e soberania, é incompatível com o hemisfério?

(...)

Grande como foi a epopeia da independência da América Latina, heroica como foi aquela luta, à geração de latino-americanos de hoje lhes toca uma epopeia maior e mais decisiva para a humanidade. Porque aquela luta foi para libertar-se do poder colonial espanhol, de uma Espanha decadente, invadida pelos exércitos de Napoleão. Hoje lhes toca uma luta de libertação contra a metrópole imperial mais poderosa do mundo, frente a força mais importante do sistema imperialista mundial, e para prestar à humanidade um serviço todavia maior do que fizeram nossos antepassados.

Porém, esta luta mais que aquela, serão feitas pelas massas, pelos povos; os povos vão jogar um papel muito mais importante que antes; os homens, os dirigentes, importam e importarão nesta luta menos que importaram no passado.

Esta epopeia que temos na nossa frente vai ser escrita pelas massas famintas de índios, de camponeses sem terra, de operários explorados; vão escrever as massas progressistas, os intelectuais honestos e brilhantes que tanto abundam em nossas sofridas terras da América Latina. Luta de massas e de ideias; epopeia que levarão adiante nossos povos maltratados e desprezados pelo imperialismo, nossos povos desconhecidos até hoje, que já começaram a tirar-lhe o sono. Nos considerava rebanho impotente e submisso, e já começam a assustar-se com este rebanho; rebanho gigante de 200 milhões de latino-americanos que serão os coveiros do capital monopolista ianque.

Com esta humanidade trabalhadora, com estes explorados infra-humanos, paupérrimos, não se deu importância nem se levou em consideração.

Desde os inícios da independência seus destinos tem sido os mesmos: índios, gaúchos, mestiços, brancos sem bens nem rendas, toda essa massa humana que se formou nas filas da “pátria” que nunca desfrutou, que morreu aos milhões, que foi despedaçada, que ganhou a independência de sua metrópole para a burguesia; essa, que foi desterrada da repartição da riqueza, seguiu ocupando o último degrau dos benefícios sociais, seguiu morrendo de fome, de enfermidades curáveis, de desatenção, porque para ela nunca chegaram os bens salvadores: o simples pão, a cama de um hospital, o remédio que salva, a mão que ajuda.

Porém, a hora da sua reivindicação, a hora que ela mesma elegeu, vem sendo assinalado com precisão agora também de um extremo a outro do continente. Agora, esta massa anônima, esta América de cor, sombria, taciturna, que canta em todo o continente com uma mesma tristeza e desengano, agora esta massa é a que começa a entrar definitivamente na sua própria história, começa a escrever com seu sangue, começa a sofrer e a morrer. Porque agora, pelos campos e montanhas da América, pela base das suas serras, por seus vales e suas selvas, entre a solidão, ou no tráfego das cidades, ou nas costas dos grandes oceanos e rios, começa-se a estremecer este mundo cheio de razões, com os punhos quentes de desejos de morrer pelo que é seu, de conquistar seus direitos quase 500 anos enrolados por uns e por outros. Agora, sim, a história terá que contar com os pobres da América, com os explorados e vilipendiados da América Latina, que decidiram começar a escrever eles mesmos, para sempre, sua história. Já se vê eles pelas estradas, um dia e outro, a pé, em marchas sem fim, de centenas de quilômetros, para chegar até os “olimpós” governantes buscando seus direitos. Já se vê a eles, armados de pedras, de paus, de facões, de um lado a outro, a cada dia, ocupando as terras, fincando seus garfos na terra que lhes pertence e defendendo-a com sua vida; Já se vê levando suas bandeiras, suas palavras de ordem, fazendo-as correr no vento entre as montanhas ou ao longo dos vales. E esta onda de estremecido rancor, de justiça reclamadas, de direito pisoteado que se começa a levantar pelas terras da América Latina, essa onda já não parará mais. Essa onda irá crescendo a cada dia que passa, porque essa onda os que acumulam com seu trabalho as riquezas, criam os valores, fazem andar as rodas da história, e que agora despertam do longo sono embrutecedor a que foi submetido.

Porque esta grande humanidade disse “Basta!” e começou a andar. E sua marcha de gigantes já não se deterá até conquistar a verdadeira independência, pela que já morreram is de uma vez inutilmente. Agora, em todo caso, os que morram, morreram como os de Cuba, os da Playa Girón, morrerão por sua única, verdadeira, irrenunciável independência!

Pátria ou Morte!

Venceremos!

O povo de Cuba

Havana, Cuba, Território Livre da América, 4 de fevereiro de 1962

## 1979

**DISCURSO DE FIDEL CASTRO NO ATO CENTRAL PELO XXVI ANIVERSÁRIO DO ASSALTO AO QUARTEL MONCADA, EFETUADO NA PRAÇA DA REVOLUÇÃO "GENERAL CALIXTO GARCIA IÑIGUEZ" DE HOLGUIN, EM 26 DE JULHO DE 1979, (extratos)**

Heroicos combatentes sandinistas;  
Companheiros da Direção do Partido e do Governo; Holguineiros; Orientais;  
Compatriotas:

Há duas semanas pensávamos que neste ato se falariam diversos temas, e entre outros, o tema dos êxitos e dos méritos desta região; da sua enorme transformação que pode se ver em todos os cantos da região e da cidade; da sua impetuosa marcha e seu progresso, das suas novas construções, das suas novas fábricas, do seu espírito trabalhador, dos seus êxitos na produção. O grande mérito que significa o fato de haver produzido 764.000 toneladas de açúcar nesta safra; 150.000 toneladas mais que no ano anterior, contribuindo a que nosso país alcançasse nesta colheita uma produção açucareira de 7.992.000 toneladas, faltando-nos só 8.000 toneladas para alcançar os 8 milhões de toneladas, superando em mais de meio milhão a produção do ano passado, enfrentando-se com condições climáticas adversas no país.

Pensávamos isto. Pero, quando em menos de 48 horas soubemos que nosso povo teria uma honra extraordinária, que um numeroso contingente de combatentes, de chefes abnegados e heroicos, de dirigentes do povo irmão da Nicarágua desejavam estar conosco neste 26 de Julho, compreendi que este ato de hoje se converteria inevitavelmente em um ato sandinista

Do que falar, de que outra coisa se podia falar, que acontecimentos mais extraordinários nestes tempos, que fato de maior relevância histórica, de maior significado ocorreu nestes últimos tempos que a vitória sandinista na Nicarágua? Que tocou mais profundamente nos nossos sentimentos, que nos interessou mais nestas semanas, que nos emocionou mais e alentou mais que esta popular e heroica vitória? E que honra maior poderíamos receber, que maior realce poderia ter esta data revolucionária nossa, que maior honra para esta cidade e região que a visita fraternal, afetuosa e solidária desta constelação de heroicos, valorosos, inteligentes e capazes Comandantes e combatentes da Frente Sandinista de Libertação Nacional da Nicarágua?

Digo solidária, porque nós também necessitamos de solidariedade; digo estimulante, porque também necessitamos desses estímulos. Solidária, estimulante, porque durante tanto tempo foi quase um crime visitar Cuba; durante tanto tempo o imperialismo tratou de cortar os laços com nossos povos irmãos da América Latina e do Caribe; durante tanto tempo que nos bloqueiam, durante tanto tempo se proibiu e se impediu a aproximação e desenvolvimento dos laços naturais, históricos, lógicos entre o povo nicaraguense o povo cubano.

Durante tantos anos temos recordado e chorado os nossos irmãos que morreram combatendo em Girón, daquele ataque que partiu precisamente do território nicaraguense, em um dos mais infames serviços prestados pelo tirano ao imperialismo, posto que este mesmo Somoza era o chefe do Estado Maior do Exército da Nicarágua quando dali partiam os bombardeiros B-26 a bombardear nossos lares, a matar famílias camponesas, mulheres e crianças, a descarregar toneladas de bombas sobre nossos milicianos e soldados.

Como não ver neste gesto dos sandinistas, neste gesto espontâneo... Porque não foi nossa a iniciativa, já que nós sabemos toda a tarefa que têm agora, todo o trabalho, toda a necessidade da sua presença no país, especialmente nestes dias iniciais. Não teríamos sido capazes de pedir-lhes esta honra, esta imensa, infinita honra, que partiu inteiramente deles.

Prova de valor político do sandinismo, prova de valor revolucionário, porque conhecemos este mundo e sabemos que nem sempre sobra o valor político e o valor revolucionário.

Eles não tiveram preconceitos, não temeram vir aqui. Eles não tiveram que pedir permissão a ninguém para vir a Cuba. Eles não tiveram que prestar contas a ninguém, nem preocupar-se com a opinião de ninguém.

Prova de honestidade política, porque não andam com simulações, não negam que são amigos de Cuba, que sentem respeito por Cuba, que são solidários com Cuba. São abertos, não têm medos. E, por isso, creio que inspirarão confiança não só ao nosso povo como a todos os povos e na opinião política mundial.

Não têm preconceitos, apesar do falatório, das intrigas, de que agora virão as campanhas, de que agora virão as acusações, depois que passe a lua de mel da vitória.

Não tem preconceitos porque não temem que confundam a Revolução Nicaraguense e a Cubana, porque eles estão acima destes preconceitos. E nem por isso vão dizer que as duas revoluções são exatamente iguais. São duas revoluções profundas, iguais em muitas coisas e diferentes também em muitas coisas, como têm que ser todas as revoluções verdadeiras.

Isto é importante para nosso povo, importante também para a opinião mundial. Cada país tem seu caminho, tem seus problemas, tem seu estilo, tem seus métodos, tem seus objetivos. Nós temos os nossos, eles os seus. Nós fizemos de uma maneira, nossa maneira; eles farão à sua maneira. Semelhanças: eles alcançaram a vitória por um caminho semelhante ao nosso; eles alcançaram a vitória da única forma em que, tanto eles quanto nós, podíamos libertar-nos da tirania e do domínio imperialista: com as armas na mão, lutando duramente, heroicamente.

(...)

As bandeiras de Fonseca foram erguidas por jovens combatentes. Sim, aqui falou-se da média de idade de 20 anos, porém, os dirigentes, que média de idade têm? Trinta, trinta e tantos, alguns, os mais antigos, que começaram a lutar desde que tinham praticamente 15, 16, 17 anos, e enfrentaram as dificuldades e obstáculos durante 20 anos. Vinte anos para colher os primeiros frutos da semente plantada, cultivada e regada com sangue durante tanto tempo, para alcançar a vitória em meio a uma verdadeira epopeia popular.

Quem de nós viu nos cinemas, na TV, nos livros e revistas, as imagens da brutal e incrível repressão, a inescrupulosa e genocida guerra desata contra o povo nicaraguense pela tirania somozista? Quem não viu as imagens das mães chorando pelos seus filhos, pelos seus filhos queridos; as imagens dos filhos chorando por seus pais, dos lares destruídos, da montanha de cadáveres, das torturas, dos assassinatos, dos bombardeios das cidades? Quando se viu semelhante caso de barbárie?

Quando se viu uma força aérea descarregar toneladas e toneladas de bombas sobre as cidades do próprio país? Sobre Manágua, sobre Masaya, sobre León, sobre Estelí, sobre esse conjunto de cidades mártires.

Quando não se detinha em dar a ordem de lançar bombas de 500 libras sobre bairros povoados e inclusive superpovoados, fatos que realmente encheram o mundo inteiro de indignação e assombro e que, de certa forma, contribuíram para criar essa gigantesca campanha e esse sólido sentimento de solidariedade com o povo nicaraguense e os combatentes sandinistas.

Estes foram os frutos da intervenção imperialista na Nicarágua. Aí estão os frutos da intervenção, aí estão os frutos amargos da política imperialista no nosso hemisfério. Porque foram eles que forjaram, impulsionaram e apoiaram esses regimes sangrentos, repressivos, reacionários, tirânicos, fascistas, no nosso hemisfério. E se disse, creio que o próprio Somoza disse, que sempre votou junto com o governo dos Estados Unidos na ONU.

A política dos Estados Unidos em todo o mundo criou este tipo de regimes políticos, em todo o mundo! Não só na nossa América, em todos os continentes sem exceção!

(...)



O triunfo sandinista não é só a vitória diante dos 45 anos de somozismo; é a vitória frente a 150 anos de dominação estrangeira no país, é a vitória alcançada sobre séculos e séculos de conquista, de exploração e domínio estrangeiro; porque, se algo pode assegurar-se é que, pela primeira vez, o povo nicaraguense é totalmente livre e independente em toda sua história, quando em 19 de julho as aguerridas colunas de combatentes sandinistas entraram em Managua, já que do domínio espanhol nossos povos passaram ao domínio ianque, especialmente a América Central, que se converteu em objeto de intervencionistas e até de piratas. Portanto, comemora-se não só o dia do triunfo da Revolução, como também o dia do triunfo da independência da Nicarágua, dois grandes e transcendentais objetivos históricos numa mesma batalha. Essa é a importância e o significado que tem para nós a vitória da luta de FSLN.

Porém, esta vitória sandinista, esta luta, significa mais que isso. Em torno da luta sandinista criou-se uma grande solidariedade internacional, uma grande unidade de toda a esquerda centro-americana e latino-americana; Em torno da luta sandinista criou-se, de forma tácita, o que podemos chamar uma grande frente democrático-independente-anti-intervencionista na América Latina, algo que tem significado histórico e enorme importância.

Na América Latina e no Caribe, no âmbito deste hemisfério, o sandinismo estimulou o sentimento independentista e anti-intervencionista dos povos latino-americanos. Isto teve seu momento mais destacado, seu momento culminante, na última reunião da OEA. Mencionamos ela pela primeira vez sem epítetos, porque pela primeira vez, se produziu uma verdadeira insubordinação dos Estados latino-americanos, e isto é muito sintomático, já que os setores mais reacionários e agressivos dos Estados Unidos aconselharam a atual administração norte-americana seguir um caminho intervencionista na Nicarágua, e os Estados Unidos propôs nessa reunião a criação de uma Força Interamericana de Paz, diziam que era para levar a paz para a Nicarágua...

(...)

E os pretextos eram "muito nobres" como sempre: "levar a paz ao sofrido povo da Nicarágua"; para que não chegasse este momento, que não chegasse o 19 de julho. Um mês depois, os sandinistas levaram a verdadeira paz, a paz de um povo feliz, vitorioso, cheio de sofrimentos, sim; porém, cheio de esperança e de otimismo no futuro.

(...)

E deve-se dizer que a proposta dos Estados Unidos ficou isolada. No final adotaram uma posição inteligente. Se votavam a favor da proposta dos Estados Unidos, quer dizer, a favor da proposta intervencionista se juntariam com o Paraguai e Somoza, porque o único que queria a intervenção, que votou abertamente pela intervenção era Somoza e creio que Paraguai.

(...)

Porém, temos que dizer que a decisão, o resultado dessa reunião constituiu uma grande vitória dos povos da nossa América e contribuiu para o desenvolvimento deste espírito de solidariedade com a Nicarágua; e, na posição mantida na OEA deve-se destacar o papel do Panamá, da Costa Rica, da Venezuela e demais países do Pacto Andino, do México, da Jamaica, de Granada e outros. Na criação desta frente democrática, anti-intervencionista que se criou, deve-se mencionar não só nomes de países, também de pessoas: os nomes de Torrijos, de Carazo, de López Portillo, de Manley, de Bishop. E também é justo recordar o nome de quem, ainda quando já não é presidente em seu país, ajudou muito no desenvolvimento desta solidariedade com a luta sandinista: o ex-presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez.

(...)

Manter este clima, manter esta frente, manter este espírito é muito importante para todos os povos que ainda sofrem sob o fascismo e sob as mais sangrentas tiranias. Esse é um dever —segundo nossa opinião— também dos sandinistas, qual será sua contribuição, a contribuição do povo vitorioso da Nicarágua para manter este espírito, manter esta frente ampla.

(...)

**Por isso, as afirmações e os temores expressados por certas pessoas, que a Nicarágua ia se converter numa nova Cuba, os nicaraguenses deram uma magnífica resposta: não, a Nicarágua vai se converter numa nova Nicarágua, que é uma coisa muito distinta.**

(...)

**Não existem duas revoluções iguais. (...) no nosso caso não houve esta frente de que falei anteriormente, inclusive o imperialismo começou imediatamente com suas campanhas, suas agressões; o imperialismo sabia menos, porque o imperialismo aprendeu algo também.**

(...)

Deve-se destacar algumas características que temos observado nos companheiros revolucionários nicaraguenses. (...) Souberam combater heroicamente, porém souberam também ser flexíveis, e quando

foi necessário negociar para evitar os riscos de uma intervenção não tiveram medo de negociar. (...) Inclusive nessa fase final em que o regime somozista agonizava, discutiram alguma forma de como seria o trânsito final, quer dizer, como seria o enterro de Somoza. E nessas negociações participaram distintos países, participou o Governo de Reconstrução Nacional, participou a Direção sandinista, participaram inclusive os Estados Unidos. (...) Os sandinistas fizeram algumas concessões e foi sábio fazê-las, as que consideraram que deviam fazer, e souberam manter-se firme e não fazê-las onde não deviam fazer.

(...)

De modo que os sandinistas não só souberam ser heroicos e eficientes na guerra, flexíveis na política, foram extraordinariamente magnânimos no triunfo! E estou seguro de que isso vai suscitar as mais amplas simpatias e vai fortalecer o sentimento de solidariedade em todo o mundo; vai retirar os argumentos e as armas da reação, vai tirar a lenha do fogo da difamação e da calúnia.

Isto demonstra, ademais, a influencia enorme que os comandantes sandinistas e o Governo de Reconstrução Nacional tem sobre as massas, porque as massas não esqueceram nem esquecerão jamais os crimes, as torturas e os bombardeios. Não esqueceram. Porém, deram uma grande prova de confiança na Direção para se segurar, quando era necessário segurar-se.

(...)

Porque disseram: se é necessário uma eleição, não importa que hajam eleições. Qualquer eleição que ocorra na Nicarágua, mesmo com todos os recursos que tenham os reacionários, os sandinistas vão ganhar por amplíssima maioria. Qualquer tipo de eleição, sob qualquer forma constitucional onde o cidadão possa votar e vote, ganham os sandinistas.

É por isso —e isto explico para nosso povo—, que as circunstâncias em que se produziu a vitória nicaraguense determina que as formas que eles adotem sejam diferentes das nossas. Ademais, o fato de que hoje o país está em ruínas, o país está totalmente destruído, requer um programa de reconstrução nacional com a participação de todos os setores da sociedade nicaraguense.

Os sandinistas são revolucionários, não vamos ocultar isto para nós, ninguém vai ocultar, eles não vão ocultar; porém, não são extremistas, são realistas. E da madeira dos realistas se fazem as melhores revoluções, as melhores e mais profundas revoluções. E penso que vão chegar longe, porque não se apressam, porque não são extremistas, porque vão devagar e sabem que objetivo corresponde em cada etapa de um processo político e revolucionário e as formas que se correspondem com esses objetivos. Estou seguro disto.

(...)

Tem muita fome no país. Eu penso que a Nicarágua necessita da ajuda de todo o mundo. Nas semanas anteriores, grande número de dirigentes de países expressou sua disposição a ajudar a Nicarágua. Parecenos o mais justo.

Governos de todos os matizes, de diversas ideologias, de diversos sistemas políticos, expressaram sua disposição de dar uma grande ajuda ao povo nicaraguense. E a Nicarágua necessita.

Inclusive os Estados Unidos expressaram sua disposição de enviar alimentos e instrumentar distintas formas de ajuda. (...) Nos parece muito bom. Martí disse, em uma ocasião, que o céu não quis que os tiranos sejam mais de uma vez sábios. Somoza não foi nem uma só vez; porém, o Governo dos Estados Unidos, pelo menos, foi uma vez, já que é muito melhor em todos os sentidos e mais frutífero, e desenvolve melhor as relações entre os povos e um clima de paz no mundo, enviar alimentos em vez de enviar bombardeiros e fuzileiros navais, como fizeram no Vietnam e como fizeram em vários lugares.

É claro que —já que falei no Vietnam—, a intervenção dos Estados Unidos na Nicarágua teria sido um ato realmente suicida para a política de Estados Unidos no hemisfério, porque não temos a menor dúvida de que os sandinistas teriam seguido lutando, ainda que houvesse uma intervenção ianque. (...)

Nos alegamos de que os Estados Unidos envie alimentos. Nos alegamos de que todos los países enviem alimentos e ajuda de todo tipo ao povo da Nicarágua.

Nós não somos ricos, nós não podemos competir com os Estados Unidos em número de aviões e em toneladas de alimentos. Algo mandaremos, porque da nossa pobreza somos capazes de tirar algo.

E uma questão muito importante: se não temos muitos recursos financeiros ou recursos materiais, temos recursos humanos.

(...)

Viva a vitória revolucionaria da Nicarágua!

Viva Sandino!

Viva a FSLN!

Viva o Governo de Reconstrução Nacional da Nicarágua!

Viva a amizade e a solidariedade entre os povos da Nicarágua e de Cuba!

Pátria ou Morte!

Venceremos!

## DISCURSO DE FIDEL CASTRO NA ONU 12/12/1979

(fragmentos)

Trazemos o mandato da Sexta Conferência de Chefes de Estado ou de Governo do *Movimento dos Países Não Alinhados*, para apresentar ante as Nações Unidas o resultado de suas deliberações e das posições que delas derivam.

Somos 95 países de todos os continentes, que representam a imensa maioria da humanidade. Nos une a determinação de defender a colaboração entre nossos países, o livre desenvolvimento nacional e social, a soberania, a segurança, a igualdade e a livre determinação. Estamos associados no empenho para mudar o atual sistema de relações internacionais, baseado na injustiça, na desigualdade e na opressão. Atuamos na política internacional como um fator global independente.

Reunido em Havana, o Movimento acaba de reafirmar seus princípios e confirmar seus objetivos. Os Países Não Alinhados insistimos em que é necessário eliminar a abismal desigualdade que separa os países desenvolvidos e os países em vias de desenvolvimento. Lutamos por isso para suprimir a pobreza, a fome, a doença e o analfabetismo que ainda padecem centenas de milhões de seres humanos.

Aspiramos a uma nova ordem mundial, baseada na justiça, equidade e na paz, que substitua o sistema injusto e desigual que hoje prevalece, no que segundo se proclamou na Declaração de Havana, "a riqueza segue concentrada nas mãos de umas quantas potências cujas economias, fundadas no desperdício, são mantidas graças a exploração dos trabalhadores e a transferência e saque dos recursos naturais e outros recursos dos povos da África, América Latina, Ásia e demais regiões do mundo".

Entre os problemas a debater neste período de sessões a Assembleia Geral, a paz figura no primeiro lugar das preocupações. A busca da paz constitui também uma aspiração do Movimento de Países Não Alinhados e foi objeto da sua atenção na Sexta Conferência. Porém, a paz, para nossos países, resulta indivisível. **Queremos uma paz que beneficie igualmente os grandes e os pequenos, aos poderosos e aos débeis, que abarque todos os âmbitos do mundo e chegue a todos seus cidadãos.**

Desde sua fundação, **os Países Não Alinhados consideram que os princípios da coexistência pacífica devem ser a pedra angular das relações internacionais**, constituem a base do fortalecimento da paz e a segurança internacional, da extensão desse processo a todas as regiões do mundo e a todos os aspectos das relações, e devem ser aplicados universalmente nas relações entre os Estados. Porém, ao mesmo tempo, a Sexta Cúpula considerou que esses princípios da coexistência pacífica incluem também o direito dos povos sob dominação estrangeira e colonial à livre determinação, a independência, a soberania, a integridade territorial dos Estados, o direito de cada país a colocar um final na ocupação estrangeira, a aquisição de territórios pela força e a definir seu próprio sistema social, político e econômico.

Só assim a coexistência pacífica poderá ser a base de todas as relaciones internacionais.

A situação de atraso agrícola e industrial, do qual os países em desenvolvimento não conseguem superar é, sem dúvida, o resultado das relações internacionais injustas e desiguais. Porém, se junta a isto agora, a crise prolongada da economia internacional. Não vou deter-me demasiado neste aspecto. Precisemos agora o que os chefes de Estado ou de governo consideramos que a crise do sistema econômico internacional não é conjuntural senão que constitui um sintoma de desajustes estrutural e de um desequilíbrio que está na sua própria natureza; que esse desequilíbrio foi agravado pela negativa dos países desenvolvidos de economia de mercado a controlar seus desequilíbrios externos e seus altos níveis de inflação e desemprego; que a inflação foi gerada precisamente nestes países desenvolvidos que agora resistem a aplicar as únicas medidas que podiam eliminá-la. E assinalamos ademais que esta crise é resultado da persistente falta de equidade nas relações econômicas internacionais, de maneira que resolver essa desigualdade, como propomos, contribuirá a atenuar e afastar a própria crise. **Quais são as principais questões que os representantes do Movimento de Países Não Alinhados foram obrigados a formular Havana? Condenamos ali o persistente desvio de recursos humanos e materiais para uma carreira de armamentos improdutiva, desperdiçadora e perigosa para a humanidade. E**

**exigimos que parte considerável dos recursos que agora se empregam em armamentos, particularmente pelas principais potências, sejam destinados ao desenvolvimento econômico e social. Senhor Presidente e Senhores representantes: o intercâmbio desigual arruína nossos povos e deve acabar!**

**A inflação é exportada para nossos países e nos arruína. Ela deve acabar! O protecionismo arruína nossos povos e deve acabar! O desequilíbrio que existe referente a exploração dos recursos marinhos é abusivo e deve ser abolido! Os recursos financeiros que recebem os países em desenvolvimento são insuficientes e devem ser aumentados! Os gastos em armamentos são irracionais. Devem cessar e seus fundos empregados para financiar o desenvolvimento! O sistema monetário internacional que hoje predomina nesta bancarrota, deve ser substituído! As dívidas de países de menor desenvolvimento relativo e em situação desvantajosa são insuportáveis e não tem solução. Devem ser canceladas! O endividamento sufoca economicamente o restante dos países em desenvolvimento e deve ser aliviado! O abismo econômico entre os países desenvolvidos e os países que querem desenvolver-se, em vez de diminuir aumenta, deve desaparecer! Tais são as demandas dos países subdesenvolvidos**

Senhor Presidente, senhores representantes: a atenção a essas demandas, algumas das quais foram apresentadas sistematicamente pelos países em vias de desenvolvimento nos fóruns internacionais, através do Grupo dos 77 e do Movimento de Países Não Alinhados, permitiria uma mudança de rumo na situação econômica internacional, que ofereceria aos países em vias de desenvolvimento as condições institucionais para organizar os programas que os situariam definitivamente no caminho do desenvolvimento.

Porém, ainda que todas estas medidas fossem levadas à prática, ainda que se retificassem os erros e vícios do presente sistema de relações internacionais, os países subdesenvolvidos careceriam de um elemento decisivo: o financiamento externo.

Todos os esforços internos, todos os sacrifícios que fazem e estão dispostos a fazer os povos dos países em vias de desenvolvimento, todas as oportunidades de incrementar seu potencial econômico que se conseguiriam ao eliminar a desigualdade entre os preços de exportação e os de importação e melhorar as condições em que se realiza seu comércio exterior não serão, no entanto, suficientes. À luz de sua situação financeira real e atual, necessitam ademais recursos em tal quantidade que lhes permitam pagar suas dívidas e empreender os enormes gastos que exige o salto ao desenvolvimento.

Aqui também as cifras são demasiado conhecidas para que necessitemos repeti-las. A Sexta Cúpula preocupou-se diante do fato de que não só a dívida dos países subdesenvolvidos é praticamente insuportável, como também que esta dívida cresce cada ano a um ritmo que podemos considerar galopante. Os dados que acaba de informar o recente informe do Banco Mundial, emitido nos mesmos dias em que celebrávamos a Conferência de Havana, confirmam que a situação é cada dia mais grave. Só no ano de 1978, a dívida pública externa de 96 países em desenvolvimento aumentou em US\$ 51 bilhões de dólares. Este ritmo eleva a dívida a cifras astronômicas mencionadas.

Não podemos, Senhor Presidente, nos resignar a este panorama sombrio! Os mais reputados economistas, tanto os ocidentais como aqueles que se reivindicam marxistas, admitem que a forma em que funciona o sistema de endividamento internacional dos países em vias de desenvolvimento é completamente irracional e que sua manutenção ameaça com uma súbita interrupção, que colocará em perigo todo o precário e instável equilíbrio econômico mundial. Alguns tratam de explicar o surpreendente fato econômico de que os centros bancários internacionais continuem enviando fundos a países que estão tecnicamente quebrados, argumentando que se trata de uma contribuição generosa para ajudar a esses países a suportar as dificuldades econômicas. Porém, não é assim. É, na realidade, uma operação de salvamento da própria ordem internacional capitalista. Em outubro de 1978 a Comissão das Comunidades Europeias admitia de forma esclarecedora: "O equilíbrio atual da economia mundial depende em grau considerável de que continue a corrente de empréstimos privados aos países em desenvolvimento não produtores de petróleo... em uma escala sem precedentes antes de 1974, e qualquer impedimento a essa corrente colocará em perigo dito equilíbrio". A quebra financeira mundial seria muito dura, em primeiro lugar, para os países subdesenvolvidos e para os trabalhadores dos países capitalistas desenvolvidos. Afetaria também as economias socialistas mais estáveis. Porém, o sistema capitalista poderia não sobreviver a semelhante catástrofe. E seria difícil que a terrível situação econômica resultante não gerasse, inevitavelmente, uma conflagração mundial. E já se fala de forças militares especiais para ocupar os campos petrolíferos e as fontes de matérias primas. Porém, se é dever de todos a preocupação por este

panorama sombrio, é dever, primeiro, dos que possuem uma maior soma de riqueza e bem-estar material. Aos revolucionários, ao fim e ao cabo, a perspectiva de um mundo sem capitalismo não nos assusta muito.

Foi proposto que no lugar do espírito de enfrentamento utilizemos o sentido da interdependência econômica mundial que permita conjugar as forças de todas as economias para obter benefícios comuns, porém, o conceito da interdependência só é aceitável quando se parte de admitir a injustiça intrínseca e brutal da atual interdependência. Os países em vias de desenvolvimento rechaçam que se lhes proponha como "interdependência" a aceitação da injusta e arbitraria divisão internacional do trabalho, que o colonialismo moderno lhes impôs a partir da revolução industrial inglesa e que o imperialismo aprofundou.

Se se quer impedir o confronto e a luta, que é o único caminho que aparece aberto para os países em vias de desenvolvimento, um caminho que oferece largos e difíceis combates cujas proporções ninguém podia saber agora, é necessário que todos busquemos e encontremos fórmulas de colaboração para resolver os grandes problemas que, se bem afetam aos nossos povos, não podem resolver-se sem afetar de alguma forma os países mais desenvolvidos.

Estamos seguros, estimado Senhor Presidente e Senhores representantes, que se o Secretário Geral das Nações Unidas, assistido pelo Presidente da Assembleia, com todo o prestígio e o peso desta organização, apoiada ademais, de início, pela influência que os países em vias de desenvolvimento e, mais ainda, o Grupo dos 77, emprestariam a esta iniciativa, convocasse os distintos fatores que mencionamos para iniciar discussões nas quais não haveria lugar para o antagonismo chamado Norte-Sul nem para o denominado antagonismo Leste-Oeste, senão que ali concorreriam todas as forças como uma tarefa comum, como um dever comum e uma esperança comum, esta ideia que apresentamos agora à Assembleia Geral pode ser coroada pelo êxito.

Porque não se trata de um projeto que beneficie só aos países em vias de desenvolvimento, beneficiaria a todas as nações. Como revolucionários, o confronto não nos assusta. Temos fé na história e nos povos. Porém, como porta-vozes e intérpretes do sentimento de 95 países, temos a responsabilidade de lutar pela colaboração entre os povos. E essa colaboração, se ela se consegue sobre bases novas e justas, beneficiará a todos os países que constituem hoje a comunidade internacional. E beneficiará em especial a paz mundial.

O desenvolvimento pode ser, a curto prazo, uma tarefa que traga aparentes sacrifícios e até donativos que pareçam irrecuperáveis. Porém, o vasto mundo que hoje vive no atraso, desprovido de poder aquisitivo, limitado ao extremo em sua capacidade de consumir, incorporará com seu desenvolvimento uma torrente de centenas de milhões de consumidores e produtores, o único capaz de reabilitar a economia internacional, incluindo a dos países desenvolvidos que hoje geram e padecem a crise econômica.

A história do comércio internacional demonstrou que o desenvolvimento é o fator mais dinâmico do comércio mundial. A maior parte do comércio dos nossos dias se realiza entre países plenamente industrializados. Podemos assegurar que enquanto mais se estenda a industrialização e o progresso no mundo, mais se estenderá também o intercâmbio comercial, beneficiando a todos.

É por isso que pedimos em nome dos países em vias de desenvolvimento e advogamos pela causa dos nossos países. Porém, não é uma dádiva o que estamos reclamando. Se não encontramos soluções adequadas, todos seremos vítimas da catástrofe. Senhor Presidente, distinguidos representantes: Se fala com frequência dos direitos humanos, porém, deve-se falar também dos direitos da humanidade.

Porque uns povos haverão de andar descalços para que outros viajem em luxuosos automóveis? Porque uns não de viver 35 anos para que outros vivam 70? Porque uns não de ser pobres miseráveis para que outros sem exageradamente ricos? Falo em nome das crianças que no mundo não tem um pedaço de pão; falo em nome dos doentes que não têm remédios; falo em nome daqueles a quem se negou o direito à vida e a dignidade humana.

Uns países têm mar, outros não; uns têm recursos energéticos, outros não; uns possuem terras abundantes para produzir alimentos, outros não; uns estão tão saturados de máquinas e fábricas que não podem nem respirar o ar de suas atmosferas envenenadas, outros não possuem mais que seus esqueléticos braços para ganhar o pão. Uns países possuem, enfim, abundantes recursos, outros não possuem nada. Qual é o destino destes? Morrer de fome? Ser eternamente pobres? Para que serve então a civilização? Para que

serve a consciência do homem? Para que servem as Nações Unidas? Para que serve o mundo? Não se pode falar de paz em nome das dezenas de milhões de seres humanos que morrem por ano de fome ou doenças curáveis em todo o mundo. Não se pode falar de paz em nome de 900 milhões de analfabetos. A exploração dos países pobres pelos países ricos deve cessar! Sei que em muitos países pobres existem também exploradores e explorados.

**Dirijo-me às nações ricas para que contribuam. Dirijo-me aos países pobres para que distribuam.** Basta de palavras! Faltam fatos! Basta já de abstrações, faltam ações concretas! Basta já de falar de uma nova ordem econômico internacional especulativo que ninguém entende; deve-se falar de uma ordem real e objetiva que todos compreendam!

**Não vim aqui como profeta da revolução; não vim pedir ou desejar que o mundo se convulsione violentamente. Vimos falar de paz e colaboração entre os povos, e vimos advertir que se não resolvemos pacífica e sabiamente as injustiças e desigualdades atuais o futuro será apocalíptico.** O ruído das armas, da linguagem ameaçante, da prepotência no cenário internacional deve cessar. Basta já da ilusão de que os problemas do mundo podem se resolver com armas nucleares. As bombas poderão matar os famintos, os doentes, os ignorantes, porém, não pode matar a fome, as enfermidades, a ignorância. Não podem tampouco matar a justa rebeldia dos povos e no holocausto morrerão também os ricos, que são os que mais têm a perder neste mundo.

**Digamos adeus às armas e consagremo-nos civilizadamente aos problemas mais complicados da nossa era. Essa é a responsabilidade e o dever mais sagrado de todos os estadistas do mundo. Essa é, ademais, a premissa indispensável da sobrevivência humana.** Muito obrigado!

## 2003

### **DISCURSO DE FIDEL CASTRO NAS ESCADAS DA FACULDADE DE DIRIETO Buenos Aires 26 de maio de 2003 (Fragmentos)**

#### **Um golpe colossal ao neoliberalismo**

(...)

Nós não recomendamos fórmulas dogmáticas, não recomendamos que tenham tal ou qual sistema social. Conheço países tantos recursos, que com o uso adequado dos recursos **não teriam nem necessidade de fazer uma mudança revolucionária em relação a economia, de tipo radical, como o que foi feito em nosso país.** Sabemos o que ocorre nos lugares, como o mais pobre deste hemisfério, que é o Haiti, os problemas que têm de recursos naturais, e alguns muito ricos, não vou discutir sobre este tema; porém, o problema está na distribuição equitativa da riqueza. Isto não necessita sequer confiscar; não, em uma concepção do possível..., porque deve-se pensar no desejável e no possível, deve-se diferenciar entre o que se pode sonhar e o que se pode realizar agora, e o que se pode realizar agora e o que poderia se realizar dentro de 20 ou 30 anos, a partir das realidades do mundo atual. Nós não temos nem um átomo de arrependimento do que fizemos em nosso país e da forma que organizamos nossa sociedade. Tivemos a possibilidade de aprender muito sobre nossas possibilidades e temos uma ideia de prioridades, porque é muito importante para os que desejamos um mundo melhor ter ideia das prioridades, das possibilidades, das realidades. Mencionei-lhes como duas vezes ou três o famoso projeto da ALCA. Hoje uma enorme necessidade dos nossos povos é evitar que esse veneno se implante em nossos países e estaríamos obtendo uma grande vitória. Posso completar que vemos na América Latina um movimento de avanço que está se produzindo. Se me perguntasse alguém porque senti uma grande satisfação e júbilo quando chegaram as notícias de um resultado eleitoral na nossa queridíssima Argentina, notem, há uma razão muito grande: o pior do capitalismo selvagem, como diria Chávez; o pior da globalização neoliberal e que é o símbolo por excelência... E não menciono nome, ninguém pode queixar-se, a não ser que alguém se sinta símbolo do que digo. Minha opinião é que uma das coisas extraordinárias é que o símbolo da globalização neoliberal recebeu um golpe colossal.

Vocês não sabem o serviço que prestaram a América Latina; vocês não sabem o serviço que prestaram ao mundo ao afundar na fossa do Pacífico –não sei como se chama agora–, que tem mais de 8.000 metros de profundidade, o símbolo da globalização neoliberal. Insuflaram tremenda força a um número crescente de

pessoas que tomaram consciência na América sobre que coisa tão terrível e fatal que se chama globalização neoliberal.

Se quiser, podíamos partir do que disse o Papa quando esteve de visita ao nosso país, quando falou da globalização da solidariedade. Alguém estaria contra da globalização da solidariedade no mais completo conceito da palavra, que abarque não só as relações entre os homens e mulheres dentro da fronteira de um país, senão dentro das fronteiras do planeta, e que a solidariedade seja exercida também por aqueles que desperdiçam o dinheiro, destroem os recursos naturais e condenam a morte aos habitantes deste planeta? Não se alcança o céu num dia, porém creia-me – não o digo para bajular, e trato de dizê-lo com o maior cuidado – que vocês deram um golpe descomunal a um símbolo, e isso tem enorme valor, e se produziu, precisamente, neste momento crítico, de crise econômica internacional, onde estão todos envolvidos; já não é uma crise no sudeste asiático, é uma crise no mundo, mais ameaças de guerra, mais consequências de uma enorme dívida, somado a fatalidade de que o dinheiro fuja. O problema é mundial, e por isso mundialmente também está se formando uma consciência e por isso será um dia de glória esse dia em que o povo argentino, apesar das dificuldades, que como sabemos todos existem aqui e em outras partes, muitas vezes fragmentação, muitas vezes divisões, e divisões pode haver e até devem haver, porém é que há tantas coisas de interesse comum que pode-se ter a convicção de que estas devem prevalecer, o mundo possível. Notem que essa frase se fortaleceu: um mundo melhor é possível. Porém, quando se alcance um mundo melhor, que é possível, temos que seguir repetindo: um mundo melhor é possível, e voltar a repetir depois: um mundo melhor é possível.

Expressei – e estou próximo a terminar –, assim nestas peculiares condições, e me alegro mais, a experiência modesta do nosso país, e como dia a dia aprendíamos coisas novas e coisas novas, e quando lutávamos contra 30% de analfabetismo, que longe estávamos de pensar que um dia estaríamos massificando os estudos universitários, estendendo as universidades por todos os municípios do país, a partir do capital humano que tínhamos criado, sem o qual havia sido impossível essa aspiração, e, por isso falei, e Martí já tinha falado muitos anos antes, que aos que lhe chamavam de sonhador ele dizia que os sonhos de hoje serão as realidades do amanhã.

Os sonhadores não existem, disse um sonhador que teve o privilégio de ver realidades que não foi capaz de sonhar. Não o considero um mérito, senão também privilégio e azar afortunado de viver, apesar das centenas de planos para acelerar minha viagem para a tumba, com o qual me fizeram um enorme favor, obrigar-me a perder todo instinto de preservação e conhecer que os valores se constituem na verdadeira qualidade de vida, a suprema qualidade de vida, acima dos alimentos, teto e roupa. Não diminuo a importância das necessidades materiais, sempre deve-se coloca-las em primeiro lugar, porque para poder estudar, para adquirir essa outra qualidade de vida deve-se satisfazer determinadas necessidades que são físicas, que são materiais; porém, a qualidade de vida está nos conhecimentos, na cultura.

(...)

Argentinos todos, irmãos entranhados da América Latina, qualquer que seja sua crença, seu pensamento ou suas ideias, não tive a intenção de ferir nem ofender a ninguém. Se alguém considera que alguns conceitos a que expressei seja algo como uma ingerência nos assuntos argentinos, algo que certamente tratei de evitar, e com mais razão a partir da extraordinária solidariedade e calor com que fui recebido nesta cidade e neste país, se ofendi a alguém, peço sinceramente que me desculpe.

Viva a irmandade entre os povos!

Viva a humanidade!

Até a vitória sempre!

Obrigado.

## **Apêndice 2:**

### **A NACIONALIZAÇÃO: NOVAS ARMAS - (Do livro *Che, o caminho do fogo*, escrito por Orlando Borrego)**

Orlando Borrego, foi o primeiro tenente na coluna 8 “Ciro Redondo” sob o comando de *Che*, Depois do triunfo da revolução foi Segundo Chefe e depois Chefe do Departamento de Industrialização (1959-60); vice-ministro primeiro do Ministério da Indústria (1961-1964); Ministro da Indústria Açucareira (1964-1968); Assessor do Comitê Executivo do Conselho de Ministros (1973-1980). Atualmente é assessor econômico da Cátedra “Che Guevara” da Universidade de Havana e assessor do Ministério de Transporte de Cuba.

Em 13 de outubro de 1960 e em resposta a novas agressões norte-americanas, o Governo Revolucionário respondeu com novas medidas. Mediante a Lei 890 desse ano se nacionalizaram as

empresas industriais e comerciais, incluindo os engenhos açucareiros, que passaram a ser dirigidas pelo Departamento de Industrialização. A decisão do Conselho de Ministros sobre a nacionalização foi tomado pela madrugada. Che chamou por telefone desde o Palácio Presidencial instruindo-me da parte do Primeiro Ministro que buscasse os administradores necessários que deviam assumir a direção das indústrias no dia seguinte. Essa foi a ordem e tinha que cumprir sem titubear. Uma vez reunidos todos os companheiros que trabalhávamos no Departamento, analisamos todas as variantes possíveis para solucionar a complexa e imprevista tarefa. Logo recebemos outra chamada telefônica com uma decisão que resolveria o problema. Naquele momento tínhamos concentrado cerca de 200 jovens que estavam se preparando de forma acelerada para enviá-los a um lugar da Sierra Maestra chamado Minas del Frío onde se ministrava um curso para professores. Estes jovens estavam com idade entre 15 e 20 anos e a maioria tinha um nível de escolaridade do sexto grau. Além destes jovens contávamos com uma pequena reserva de oficiais do Exército Rebelde que estavam se formando para futuros administradores de fábricas. Seu nível escolar era similar ao dos professores de Minas del Frío. A decisão de Fidel foi nomeá-los como administradores das novas fábricas e assim fomos informados pelo Che imediatamente. A nomeação seria com caráter provisório, de tal forma que prontamente se encontraram os administradores definitivos, os jovens de Minas del Frío deviam regressar a sua importante missão original. Fidel decidiu reunir-se com os professores quase ao amanhecer do mesmo dia da sua nomeação.

Passadas quatro décadas desde o triunfo da Revolução, acumulamos inúmeras recordações sobre fatos singulares que ocorreram em distintos cenários do nosso país. Certos acontecimentos aparecem de forma inapagável a nós que participamos deste excepcional processo histórico. Aquela reunião com os professores voluntários, em uma madrugada, recordo como uma das emoções mais perduráveis daqueles primeiros anos da revolução. Os rostos sonolentos daqueles adolescentes, cheios de energia e entusiasmo juvenil confirmavam o acerto das medidas revolucionárias e a decisão de todos para cumprir qualquer missão que se encomendasse naqueles momentos. Na medida em que Fidel lhes explicava as tarefas que tinham que assumir e a firmeza e segurança com que deviam levar a cabo, os gritos de aprovação retumbavam no amanhecer. A expropriação massiva de centenas de indústrias, incluindo as usinas açucareiras, assim como a nomeação daqueles adolescentes para a administração delas, constituiu uma das decisões mais audazes por parte do Governo Revolucionário naqueles momentos e um dos golpes mais demolidores às agressões norte-americanas e à reação contrarrevolucionária dentro do país. Se esperássemos ter administradores profissionais para ocupar as indústrias, ninguém podia dizer teria sido a reação dos norte-americanos, que foram surpreendidos pelas medidas revolucionárias aplicadas em resposta a suas agressões.